

## **MENTIRA NA POLÍTICA E CORPO DIGITAL DO LÍDER**

propaganda e ideologia na política  
brasileira – uma perspectiva a partir de  
Hannah Arendt e Letícia Cesarino

## **LYING IN POLITICS AND DIGITAL BODY OF THE LEADER**

propaganda and ideology in Brazilian  
politics – a perspective from Hannah  
Arendt and Letícia Cesarino

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i2.53180>

**Aline Maria Ribeiro-Cantu\***

Universidade Estadual de Londrina

<http://lattes.cnpq.br/9749433429244345>

<https://orcid.org/0009-0003-9871-0026>

[aline.ribeirofilosofia@uel.br](mailto:aline.ribeirofilosofia@uel.br)

**Priscilla Normando\*\***

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/7762011716699121>

<https://orcid.org/0000-0003-0177-641X>

[contato@prisnormando.com](mailto:contato@prisnormando.com)

\* Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina.

\* Doutoranda em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.

## RESUMO

Com a influência das plataformas digitais, business analytics e engenharia social nos processos eleitorais recentes, este trabalho analisa a construção de corpos políticos digitais, destacando a mentira como ferramenta crucial. Baseado nas ideias de Hannah Arendt sobre a mentira na política e o “corpo virtual do rei” de Letícia Cesarino, a pesquisa investiga como a crise de autoridade e a propaganda totalitária se adaptam às novas tecnologias, fragilizando a democracia. Analisando eventos políticos no Brasil, o estudo enfatiza a manipulação da verdade e a criação de corpos políticos flexíveis ancorados em dicotomias históricas. Buscamos contribuir teoricamente para a compreensão do fenômeno político nacional, avaliando a persistência do discurso totalitário nas democracias recentes e a importância de debater a adaptação da propaganda política às tecnologias digitais.

**Keywords:** Hannah Arendt. Leticia Cesarino. Política brasileira. Propaganda política. Corpo digital do rei.

## ABSTRACT

Considering the influence of digital platforms, business analytics, and social engineering as pivotal influences in recent electoral processes, the present text analyzes the construction of digital political bodies, highlighting the lie as a crucial tool. Based on Hannah Arendt’s ideas about the lie in politics and Letícia Cesarino’s “virtual body of the king,” the research investigates how the crisis of authority and totalitarian propaganda adapt to new technologies, weakening democracy. Analyzing political events in Brazil, the study emphasizes the manipulation of truth and the creation of flexible political bodies anchored in historical dichotomies. We seek to contribute theoretically to the understanding of the national political phenomenon, evaluating the persistence of totalitarian discourse in recent democracies and the importance of debating the adaptation of political propaganda to digital technologies.

**Keywords:** Hannah Arendt. Letícia Cesarino. Brazilian politics. Political propaganda. Digital body of the king.

## Introdução

Os processos eleitorais da última metade da década de 2010 explicitaram, ao redor do globo, o fenômeno do uso das plataformas digitais, do business analytics e da engenharia social como forma de construção de cabedal político. A ascensão de figuras com discursos extremistas, com nenhuma ou pouca relevância política, dominou os pleitos e passaram a ganhar as corridas eleitorais nas três esferas de poder. Dois dos mais notórios exemplos foram as eleições de Donald Trump nos EUA e de Jair Bolsonaro no Brasil.

O presente texto busca analisar esse fenômeno por meio de pesquisa bibliográfica sobre o tema e com o auxílio da temática desenvolvida por Hannah Arendt sobre a mentira na política e do conceito de “corpo virtual do rei” de Letícia Cesarino. Buscamos trazer a construção da análise de discurso nas redes sociais, assim como o uso da imagética como forma de criar contraposição entre figuras políticas que representam “distintas” formas de vida.

A pergunta norteadora do trabalho foi: Seria a mentira uma forma de criar corpos políticos digitais? Partimos do axioma de que para lograr êxito em campanhas eleitorais no século XXI é necessária a constituição de um corpo digital para a candidatura em pleito. Corpo este que se apresenta de distintas formas para distintos públicos, uma vez que se utilizam de sistemas algorítmicos de recomendação de conteúdo. Estes sistemas tornam os conteúdos vistos cada vez mais personalizados e separam os grupos em “bolhas de opinião”. Os corpos digitais são distintos para o mesmo avatar político tornando a percepção dos discursos como verdade, mesmo que sejam verdades “não factuais”.

Argumentamos que a partir desses corpos políticos-digitais é possível realizar a construção discursiva que mobiliza e engaja o público para o compartilhamento e viralização das ideias que se quer vender e assim angariar apoio para determinado projeto. Neste sentido, a dicotomia analisada por Cesarino contribuiu para a compreensão da necessidade de cisão entre “bem e mal” no eixo político e sua aplicação sobre um

determinado avatar para que este se torne um corpo digital elegível. As análises sobre a mentira na política, o homem de massa, os elementos do totalitarismo da república e as questões de responsabilidade na política realizadas por Hannah Arendt foram capazes de dar luz ao fenômeno como algo não apenas discursivo, mas que se utiliza de tecnologias algorítmicas para tentar imputar a ideologia de extrema direita nas democracias liberais.

Ressaltamos que não tivemos a intenção de estabelecer um argumento ou conjunto de dados que possibilitem qualquer afirmação finalística ou exaustiva sobre o objeto estudado. Não há espaço suficiente em um artigo acadêmico para tal empreendimento. Nosso objetivo foi buscar elementos teóricos ilustrados por imagens e notícias que possam contribuir com a temática e com trabalhos que utilizem objetos de estudo similares.

## O corpo digital e as formas políticas

A segunda década do século XXI foi marcada pela ascensão de líderes populistas de extrema direita. Alguns analistas e pensadores vêm comparando vários dos discursos e formas de atuação e mobilização de massas com a propaganda totalitária, especificamente àquela de cunho fascista ou protofascista. A diferença entre o fascismo do início do século XX para o vivenciado nos últimos anos está, principalmente, no uso das tecnologias digitais como meio de construção de identidades e mobilização. Fenômeno também conhecido como populismo digital (Maia, 2022).

As estratégias do populismo digital e da construção de um corpo digital do líder que se torna plástico à audiência alvo do discurso é utilizada tanto para a criação de um certo senso de identidade de grupo como para angariar votos de pessoas que não se identificam ideologicamente com o projeto político. Pires (2022) coloca que é a fabricação de um discurso, de uma retórica, que pouco se parece com o líder, mas que

consegue manter uma ideia do líder que varia de acordo com o público e a ocasião. Não há, portanto, compromisso com qualquer factualidade ou projeto de governo, mas a implementação de uma ideologia que seja o mais rizomática possível.

Chagas (2021), ao estudar os memes trocados por apoiadores do então candidato à presidência e depois eleito no pleito de 2018 nas eleições brasileiras, classificou algumas categorias discursivas utilizadas por apoiadores e que se estenderam ao longo do governo. Levantou três categorias principais de discurso imbuídas em peças de humor rápido: o discurso anti-democrático (apologia à ditadura, ao armamento da população, misoginia, homofobia, ataques aos meios de comunicação), o discurso de motivo nacionalista (cores nacionais, brasões, evocação de patriotismo, evocação de esportistas), as representações arquetípicas do candidato (herói, vítima, líder, injustiçado/martir, pessoa comum, pai dos pobres, justiceiro, salvador/ungido). Quatro funções principais foram levantadas para o uso dessas imagens: persuadir, realizar discussão pública, gerar ambiguidades e chamar para a ação popular (*cf. figura 1 - Metáforas heróicas e salvadoras em memês de Internet*).

Pelo compartilhamento e o reforço que canais de mídia alternativos dão ao discurso presente nas peças e falas em grupos (*Telegram, Whatsapp*) e redes sociais (*YouTube, TikTok, Facebook*) as percepções sobre quem e o que representa “Jair Bolsonaro” foram se formando. Personagem que varia de acordo com a necessidade discursiva do momento, mas que existe a partir da cisão criada entre bem e mal, nós e os outros, o qual irá fazer justiça e restaurar algum tipo de passado glorioso e ordem ameaçada. Neste sentido, há uma semelhança das funções encontradas pelos autores com o conceito de corpo digital do rei proposto por Cesarino (2019).

Cesarino (2019), aborda a reorganização do campo político-identitário brasileiro pela dupla problemática da identidade e representação no bolsonarismo (movimento político contemporâneo que ganhou força com a posse de Jair Messias Bolsonaro 2018-2022). Para a análise desta problemática a autora apresenta três perspectivas: a) formação populista e corpo digital do rei; b) bivalência reconhecimento-redistribuição;

c) formação fractal de identidades por meio de mídias digitais. Para os fins desta discussão nos deteremos no primeiro ponto, formação populista e corpo digital do rei, com o intuito de acrescentar contribuições de Hannah Arendt (1999; 2012; 2016), para a discussão da política contemporânea brasileira.

Por corpo digital do rei, entende-se a “representação política do tipo populista em sua modalidade digital” (Cesarino, 2019, p. 532). A política contemporânea tem visto exemplos de figuras políticas populistas que se utilizam de ferramentas de convencimento já observadas por Arendt, que ao pensar sobre o totalitarismo e sua gigantesca adesão afetando a sociedade como um todo, ocasionou a morte de milhões de pessoas inocentes.

Ao analisar os padrões apresentados nos discursos presidenciais de Bolsonaro, com o apoio do ex-estrategista da campanha de Trump, Steve Banon, Cesarino (2019), aponta para um tipo de ‘ciência do populismo’, uma forma discursiva que visa o interesse massivo se utilizando do apoio do: “eixo da diferença” e do “eixo da equivalência” de Laclau; “mobilização permanente através de conteúdos alarmistas e conspiratórios; espelho invertido do inimigo e devolução de acusações” (Cesarino, 2019, p. 533) e, criação de uma linha de comunicação direta entre líder e povo que deslegitima as linhas de comunicação “oficiais”, os meios de comunicação autorizados como materiais acadêmicos e jornalísticos. Acreditamos ser possível criar uma perspectiva de análise da política contemporânea brasileira com o apoio da filósofa Hannah Arendt (1999; 2012; 2016), visando compreender até que ponto as heranças totalitárias apresentadas pela autora infectaram os modos atuais de se fazer política.

É importante ressaltar que não se trata de equivaler partidos e organizações políticas com o nazismo na Alemanha ou o bolchevismo na Rússia, (que se construíram de maneiras diferentes, inclusive no que diz respeito a violência empregada pelos governos e formas de assassinato), mas de compreender as formas de se apropriar de uma ideologia que possui ampla aderência para mobilizar pessoas a agirem *como se* o mundo ideológico da ficção totalitária fosse real.

Visamos compreender quais as possíveis relações entre os resultados apresentados por Arendt sobre movimento totalitário e as formas de se fazer política na atualidade. O medo ainda se faz presente nos modos de se fazer política, porém muito mais do que o medo, a atualidade aprendeu a utilizar o terror como instrumento político para paralisar as pessoas, impossibilitando a ação espontânea e tornando-as apenas reagentes a comandos específicos. Arendt visa alertar que um governo totalitário pode se valer de qualquer ideologia para iniciar um movimento, mas:

O fato de havermos herdado do período da guerra fria uma ‘contraideologia’ oficial – o anticomunismo – não facilita as coisas, nem na teoria nem na prática; e esse anticomunismo tende a tornar-se global em sua aspiração, e nos leva a construir uma ficção só nossa, de sorte que nos recusamos, em princípio, a distinguir entre as várias ditaduras unipartidárias comunistas, com as quais nos defrontamos na realidade, e o autêntico governo totalitário (Arendt, 2012, p. 420).

O anticomunismo aparece como uma forma de se defender da ideologia comunista utilizada por partidos bolchevistas, contudo, o governo totalitário pode se valer de qualquer ideologia, pois após a tomada de poder a esvazia de todo conteúdo utilitário. Sendo assim, não se trata de olhar para as ditaduras ou governos tirânicos que surgem ao redor do globo, mas de compreender quais os aspectos de um governo tão extremo como o governo totalitário podem ter sobrevivido ao tempo.

Para isso é necessário compreender as formas de mobilização e as ferramentas totalitárias que visam aterrorizar, imergir e controlar a população, já durante as eleições com a propaganda, construindo um movimento que tem como objetivo desaguar no governo totalitário. A questão levantada por Arendt, que reflete os dias de hoje, diz respeito à mudança trazida pelo governo totalitário que parece tentada a resistir ao tempo. “As soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários” (Arendt, 2012, p. 610). Para aqueles que viveram entreguerras não é mais possível ver o mundo da mesma forma, o ser humano provou que “os homens normais não sabem que

tudo é possível” (Arendt, 2012, p. 580), diante do mais absurdo dos crimes, negam-se a acreditar no que o movimento totalitário foi capaz de fazer e frequentemente apresentam um motivo plausível com o intuito de amenizar o choque frente a organização totalitária e seus objetivos. O mundo não totalitário também “só acredita naquilo que quer e foge a realidade ante a verdadeira loucura, tanto quanto as massas diante do mundo normal” (Arendt, 2012, p. 580).

Sobre o líder totalitário, é interessante notar que a sua palavra possuía força de lei, capaz de comandar o modo que o movimento totalitário agiria dali em diante, sem precisar nem mesmo de um decreto ou documento oficial para mudar o curso de ação dos funcionários nazistas. Isso apenas era possível pelo apoio e adesão das massas, que eram capazes de construir uma barreira protetora entre mundo totalitário e mundo não totalitário, maquiando a verdadeira face do sistema e amenizando o choque com o mundo real, não totalitário. A questão é que todos estes métodos de controle se mostraram eficientes para conquistar a adesão das massas, pois este grupo de pessoas que devido a número ou organização não se sentiam mais pertencentes ao mundo, demonstrando hostilidade e apatia sobre assuntos que diziam respeito a todos, eram engolfadas pela ideologia totalitária.

Segundo Arendt (2012), “o que sucederá quando um autêntico homem da massa assumir o comando ainda não sabemos, embora possamos supor que ele se assemelhe mais a um Himmler, com a sua meticulosa e calculada correção, do que a um Hitler, com o seu fanatismo histérico” (Arendt, 2012, p. 457). Himmler era o que Arendt (2012), chama de filisteu, ou seja, “o burguês isolado de sua própria classe, o indivíduo atomizado produzido pelo colapso da própria classe burguesa” (Arendt, 2012, p. 472).

O homem de massa que Himmler era capaz de mobilizar tinha os traços desse filisteu, logo, eram burgueses que se preocupavam com a própria segurança acima de tudo, podendo sacrificar “crença, honra, dignidade” (Arendt, 2012, p. 472), moralidade e até a privacidade para conseguir a sensação de segurança em suas vidas privadas. Este medo imposto como forma de aderência, visando proteção, ainda pode ser

observado com certa frequência em propagandas políticas atualmente, o que nos leva à questão sobre os resquícios das “soluções” totalitárias. A exploração desta solução se faz por meio da construção da identificação absoluta com um líder que representa o bem e a salvação em contrário a algum risco eminente que representa seu oposto absoluto - o mal e a perdição.

## Eixo da diferença e oponente objetivo

De acordo com Cesarino (2019), o eixo da diferença política elaborado por Laclau e Mouffe<sup>1</sup> constrói um antagonismo entre amigos e inimigos. Antagonismo que pode ser facilmente verificado no contexto político contemporâneo brasileiro, que separava os eleitores em termos de bem e mal, certo e errado. Fazendo eco a esta discussão, Arendt (2012), diz que “Se é que se pode falar de algum raciocínio legal dentro do sistema totalitário, o ‘opponente objetivo’ é sua ideia central” (Arendt, 2012, p. 566). Isso significa dizer que é necessário colocar a culpa de todos os problemas da nação em um grupo de pessoas, aqueles que representam a maldade e foram os responsáveis por destruir a nação. Arendt relembra que não foram os judeus os únicos a serem perseguidos pelo domínio totalitário, vemos uma aparição totalitária na Rússia bolche-

---

<sup>1</sup> O eixo da diferença é uma das dimensões fundamentais da teoria política de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, descrita em seu texto *Hegemonía y estrategia socialista* de 1987. Esse eixo se refere à maneira como as identidades políticas são construídas a partir de diferenças, ou seja, como as pessoas se definem em oposição a outras. Segundo Laclau e Mouffe, as diferenças são o que tornam a política possível, mas também podem gerar conflitos e exclusões. Eles argumentam que é importante reconhecer e valorizar a diversidade de identidades e perspectivas. Para os autores o desafio democrático consiste em construir uma política que inclua e represente a todos, em vez de privilegiar uma única identidade ou ponto de vista.

vista e na Alemanha nazista,<sup>II</sup> temos outras aparições que se pretendiam totalitárias como os governos fascistas que apareceram por toda a Europa entre e pós-guerras. Mesmo na Alemanha nazista diversos grupos foram afetados, por meio dos argumentos usados como forma de classificar e rebaixar pessoas à posição de inferiores. Inclusive, na América Latina, exemplos de ideologias afeitas ao fascismo e totalitarismo como o integralismo.

Arendt (2012), ressalta que se fosse ódio a um grupo específico de pessoas, o governo totalitário deixaria de perseguir seus inimigos assim que os dominasse, mas “os nazistas, prevendo o fim do extermínio dos judeus, já haviam tomado as providências preliminares necessárias para a liquidação do povo polonês, enquanto Hitler chegou a planejar a dizimação de certas categorias alemães” (Arendt, 2012, p. 565).

A ideia do oponente objetivo / inimigo objetivo, está presente durante todo o governo totalitário, pois sempre que um inimigo era totalmente dominado, aparecia outro para tomar seu lugar e assim sucessivamente. Hitler “pretendia ampliar seu programa de extermínio se livrando dos alemães ‘geneticamente defeituosos’ (doentes do coração e pulmão)” (Arendt, 1999, p. 312). Os inimigos não podem cessar porque o totalitarismo não pode se estabilizar, ou seja, deixar de lutar contra um inimigo objetivo que se renova conforme as necessidades do partido. É neste sentido que Arendt (2012), alerta para a teoria do bode expiatório. É necessário eleger um inimigo que possa ser rebaixado, combatido e odiado, um inimigo que explica a causa de todos os problemas, pois se converte, ele mesmo, em problema a ser resolvido. Lutar com o partido contra este inimigo em prol da nação, se tornava dever de todo cidadão.

---

II Deteremos nosso foco principal de análise para a discussão da Alemanha nazista, já que Arendt admite precisar se aprofundar mais para falar sobre o domínio bolchevista e o uso da ideologia marxista. Além disso, “todas as ideologias contêm elementos totalitários” (ARENDR, 2012, p. 626), mas estes elementos só podem aparecer sob um movimento totalitário que os utiliza como forma de empregar realidade as suas afirmações. Por este motivo, não se trata do racismo de um lado e comunismo de outro, qualquer ideologia, mesmo se tratando de uma ideologia deísta considerada boa pela maioria, quando utilizada por governos totalitários, poderia destruir a pluralidade humana, o significado mesmo de humanidade.

Ademais, um governo totalitário não pode ser definido no sentido tradicional, mas apenas como *movimento*, que constantemente encontra novos obstáculos a serem superados em seu caminho. O movimento está na essência destes governos, que “só podem permanecer enquanto estiverem em movimento e transmitirem movimento a tudo que os rodeia” (Arendt, 2012, p. 434).

Qualquer grupo pode entrar no alvo de governos totalitários, inclusive todos os grupos, pois um movimento totalitário acaba atacando a si mesmo em algum momento, destruindo toda a humanidade. De grupo em grupo, de característica em característica, todas as pessoas estariam em perigo, a aspiração mundial de um domínio total torna o terror realmente absoluto, pois não há para onde fugir. “O terror é a realização da lei do movimento. O seu principal objetivo é tornar possível a força da natureza ou da história - a ideologia escolhida - propagar-se livremente por toda a humanidade sem o estorvo de qualquer *ação humana espontânea*” (Arendt, 2012, p. 618, *grifo nosso*).

O terror, contudo, assume a simples forma do governo só no último estágio do seu desenvolvimento. O estabelecimento de um regime totalitário requer a apresentação do terror como instrumento necessário para a realização de uma ideologia específica, e essa ideologia deve obter a adesão de muitos, até mesmo da maioria, antes que o terror possa ser estabelecido. O que interessa ao historiador é que os judeus, antes de se tornarem vítimas do terror moderno, constituíram o centro de interesse da ideologia nazista (Arendt, 2012, p. 30).

A pensadora é incisiva ao argumentar sobre este ponto que se repete em suas preocupações, não se trata apenas de ódio a judeus (antissemitismo), essa discriminação era conhecida pelo povo judeu historicamente. As perseguições e acusações circulavam por toda a Europa e por este motivo, no início do governo totalitário de Hitler na Alemanha nazista, os judeus confundiam o moderno antissemitismo com o antigo ódio religioso antijudaico já conhecido. Assim, um grupo que já sofre algum tipo de preconceito ou discriminação pode não compreender, à primeira vista, o ataque a pluralidade humana empregada pela estrutura

governamental moderna, que se vale do terror como forma de controle populacional. “A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror [...] como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes” (Arendt, 2012, p. 28). Havia uma atmosfera de terror, muito mais do que apenas medo, mas de um terror completo e absoluto capaz de paralisar toda ação espontânea, pois estabilizadas, as pessoas deixavam que o movimento totalitário seguisse seu rumo sem impedimentos.

O terror tem como característica atacar sem aviso prévio uma vítima totalmente inocente, inocente inclusive do ponto de vista do perseguidor. Esse ataque faz parte do terror e posteriormente pode ser direcionado até mesmo àqueles que executam as tarefas do regime totalitário. Para atingir seu objetivo, um domínio total se vale da objetiva inocência da vítima, que nada fez individualmente para merecer a pena imposta, que a condena sem nenhum julgamento, mas somente por pertencer a um grupo, ser quem é. Os ataques podem ser direcionados a estrangeiros, negros, amarelos, pessoas com determinada característica, como no nazismo os primeiros grupos a serem atacados foram homossexuais, testemunhas de Jeová, poloneses, ciganos e, em alguma medida, até mesmo os próprios alemães. Por este motivo, Arendt (2012) vê o nazismo como um ataque à pluralidade humana, não se trata de um grupo, mas do significado mesmo da natureza humana. O domínio nazista tem como objetivo *fabricar* uma nova espécie humana.

Os nazistas não achavam que os alemães fossem uma raça superior, a qual pertenciam, mas sim que deviam ser comandados, como todas as outras nações, por uma raça superior que somente agora estava nascendo. A aurora dessa nova raça não eram os alemães, mas a SS. O ‘ímpeto mundial germânico’, como disse Himmler, ou o ímpeto mundial ‘ariano’, como teria preferido Hitler, só viria dali a séculos. Para o ‘movimento’, era mais importante demonstrar que era possível fabricar uma raça pela aniquilação de outras ‘raças’ do que vencer uma guerra de objetivos limitados (Arendt, 2012, p. 550).

A esta nova raça que nasceria com o controle absoluto de um domínio nazista se direciona a denúncia de um ataque contra a natureza humana e a fabricação de uma nova ideia de humanidade. A liberdade é extinta e a espontaneidade paralisada; para Arendt “é evidente que este tipo de morte pode ser dirigido contra qualquer grupo determinado, isto é, que o princípio da seleção é dependente apenas de fatos circunstanciais” (Arendt, 1999, p. 312). A ideologia totalitária, ou seja, a lógica por trás de uma ideia que pretende explicar passado, presente e futuro com base nas crenças contidas nesta ideia, decidiu de antemão quem são os dignos de viver e aqueles que merecem morrer. (Arendt, 2012, pp. 618-622). “O terror, como execução da lei do movimento cujo fim ulterior não é o bem-estar [...] mas a fabricação da humanidade, elimina os indivíduos pelo bem da espécie, sacrifica as partes em benefício do todo” (Arendt, 2012, p. 618).

Ao separar a população em termos de bem e mal, certo e errado, “culpa e inocência viraram conceitos vazios; ‘culpado é quem estorva o caminho do processo natural ou histórico” (Arendt, 2012, p. 618). Sendo assim, uma ordem antes criminosa, poderia ser tomada como moralmente correta se fosse em favor do movimento. As leis da natureza ou da história preparavam a adesão para o papel de carrasco ou vítima. A conduta individual ou convicção não era levada em conta nesta escolha, pois as leis da natureza já haviam decidido aqueles que deveriam ser considerados culpados. Himmler selecionava as tropas da SS por foto (Arendt, 2012, p. 622), e o movimento buscava na árvore genealógica ascendência judaica entre os parentes, mesmo que distantes. Quanto maior a quantidade de parentes judeus encontrados na árvore genealógica, mais a vítima deveria ser punida, pois a quantidade de avós judeus chegava a decidir a quantidade de comida que um prisioneiro poderia receber (Arendt, 2012, p. 498).

O argumento lógico aprisiona todos que aceitam a premissa inicial axiomáticamente, pois define que ao pronunciar A, ou seja, ao aceitar a base para um domínio total, se tornando membro ou mesmo simpaticante do partido, aceita por consequência B e C, pois aceita todas as consequências que estão implicadas em A até o fim do alfabeto. Aceitando a lógica totalitária o argumento “se te recusas, te contradizes”

(Arendt, 2012, p. 631) ganha força e molda a conduta, pois a lógica fria totalitária fazia com que vítimas capturadas pelos movimentos confessassem crimes que não haviam cometido e nem mesmo estavam em condições de cometer.

A linha de raciocínio totalitária é muito simples, espera-se que ao cumprir as leis do movimento, alguns crimes, certamente, sejam cometidos. Se estes crimes serão cometidos, mais importante do que ter certeza sobre os criminosos, é punir o crime, criando precedentes e estabelecendo um progresso histórico. “Tu, portanto, ou cometeste os crimes ou foste convocado pelo Partido para desempenhar papel de criminoso.” (Arendt, 2012, p. 630). Ao confessar crimes que não haviam cometido, as vítimas alimentavam o sistema que aparece para a massa como prova da veracidade das declarações, mesmo que tenham sido conseguidas através da ideologia e do terror. Ou seja, o sistema consegue uma confissão, não necessariamente verdadeira, mas útil para provar um argumento. Outro ponto é que se o capturado não confessa, deixa de ajudar o partido, e, portanto, se torna de fato um traidor, “se te recusas, te contradizes” (Arendt, 2012, p. 631). A lógica consegue agir sobre o pensamento das massas pois o mundo moderno se apresenta de maneira caótica e sem sentido, envolto por coincidências, podendo mudar a cada ação humana, mas o mundo totalitário está ordenado por um raciocínio lógico.

Os movimentos totalitários empregam a “tirania da lógica [que] começa com a submissão da mente à lógica” (Arendt, 2012, p. 631), se aproveitando do pavor da contradição e da necessidade de empregar um sentido aos acontecimentos mundanos. A “força auto-coercitiva da lógica é mobilizada para que ninguém jamais comece a pensar” (Arendt, 2012, p. 631), desse modo o movimento totalitário consegue eliminar a liberdade em todas as esferas, pois extingue o espaço da ação e engendra a humanidade no movimento histórico ou natural pré-determinado composto por resultados lógicos sustentados pela primeira premissa axiomáticamente aceita. Para que o terror assuma seu posto de controle, é necessário adesão massiva à ideologia dominante que determina quem são os inimigos da nação, ou seja, que todos assumam seu devido papel. Que não comecem a pensar, mas que acompanhem as premissas e seus resultados até as últimas consequências.

Muito mais do que trazer luz a preocupações com movimentos neonazistas presentes na contemporaneidade que retomam a imagem de Hitler como grande estrategista político, ou a morte de pessoas “inferiores” de maneira aberta e direta, é relevante notar que um governo totalitário não parece absurdo em um primeiro momento, pois não se fala necessariamente em racismo ou antissemitismo, mas em combater um inimigo, em se proteger de um ataque que está sendo empregado, em salvar o país da ruína que o está assolando, de defender a pátria. Ele se apresenta como atrativo a diversos setores da população, trazendo uma falsa sensação de representatividade, pois abriga em seus escalões pessoas dos mais diferentes setores da sociedade (cf. *Figura 2 - Manifestação contra a reeleição da então presidente do país Dilma Rousseff*).

De classes sociais a grupos profissionais, religiosos ou sociais, as mais diferentes pessoas podem ser atraídas pelo movimento, a multiplicidade de pessoas levava outras a adesão. Neste sentido, parece importante ressaltar a análise empregada por Cesarino a respeito da memética bolsonarista que mobilizou diversos grupos da sociedade com o que a autora apresenta como significantes vazios.

Durante a campanha, a memética bolsonarista mobilizou [...] de modo central, [diversos grupos] enquanto inimigos – porém, teve o cuidado de traçar a fronteira antagonística não entre brancos e negros, homens e mulheres, ou heteros e gays, mas entre a militância feminista, LGBT e do movimento negro e os ‘cidadãos de bem’. Assim, brasileiros negros, pardos, gays ou mulheres que não tinham um investimento especial na gramática identitária das políticas de reconhecimento (podemos supor, uma maioria) puderam ter seu pertencimento mobilizado pela cadeia de equivalência do bolsonarismo, que operou com significantes vazios como ‘brasileiros’, ‘trabalhadores’, ‘cidadãos de bem’ ou ‘patriotas’ (Cesarino, 2019, p. 541).

Essa gramática é importante pois dá aparência de que não há exclusão de pessoas que seriam consideradas vulneráveis pelo “outro lado” a ser

combatido, mas que o problema é meramente discursivo. Por exemplo, se uma pessoa concorda com os direitos humanos a partir da narrativa de que este é um direito utilizado apenas para proteger indivíduos que cometeram crimes de serem torturados na prisão, ou seja, de proteger pessoas consideradas más, então não é um cidadão de bem. O eixo da dicotomia funciona justamente para dar vazão a este tipo de retórica e estabelecer o vazio semântico necessário para a construção do inimigo objetivo. Estratagema típico da linguagem totalitária.

## Linguagem e identidade política

O cuidado com a linguagem totalitária deve ocupar um momento em nossas preocupações, fala-se em *morte misericordiosa*, de pessoas que *não mereciam* viver, de “classes agonizantes” que deveriam ser poupadas do seu sofrimento, fala-se em matar os vermes e ratos, dissociando pessoas de sua dignidade humana ao diminuí-las a posição de insetos ou uma praga que deveria ser exterminada. Os códigos de linguagem auxiliavam na adesão massiva das massas, pois não se estavam matando mulheres, homens e crianças, trabalhadores e alunos, mas inimigos, a escória, aqueles que não deveriam existir. No vazio semântico associado à apresentação de sujeitos que cabem em determinada estética, o direito de existência é direcionado apenas àquelas pessoas que concordam com as ações das autoridades, ou melhor, do líder, como uma medida que tinha que ser tomada, e portanto, necessária. Uma visão dicotômica de mundo que encontrou ressonância nas estratégias digitais da política no século XXI.

Cesarino (2019), apresenta a divisão dicotômica do mundo criada pelo bolsonarismo, que dividia a população em termos de direita e esquerda “associando as primeiras à pureza, beleza, inteligência, partes corporais altas (cérebro), higiene, civilidade e o verde-e-amarelo; e as segundas, à bandidagem, feiura, ignorância, partes corporais baixas (vagina, ânus, urina), sujeira e animalidade” (Cesarino, 2019, p. 542). O objetivo era causar aversão e construir uma imagem mental do que significava ser

o inimigo, como figuras ideológicas feministas, por exemplo. Não se tratava apenas de desmentir tais afirmações, demonstrando o que de fato significa ser feminista, mas de compreender por que tais afirmações eram tão facilmente absorvidas pelas massas que criavam ódio, hostilidade, resultando até mesmo em casos de violência física e ou verbal contra mulheres que se intitulavam feministas. O ódio não era direcionado a um conceito conhecido e julgado ruim, mas ao que foi apresentado como sendo o conceito. O próprio termo passou a ser visto com uma carga de negatividade, alguns igualavam feminismo e feminismo como se fossem sinônimos, outros evitavam até mesmo discutir a questão por ter se tornado um tabu em meio a determinados grupos. Assim também foram colocadas as pessoas que se colocassem contra quaisquer das ideias defendidas ou mesmo proferidas pelo candidato a que simpatizava. Discordar é ser contrário e ser contrário implica em ser um inimigo objetivo.

Em um governo totalitário não se fala em matar pessoas inocentes, mas de *exterminar os inimigos da nação*, como forma de se proteger de um ataque futuro. “É bem sabido que Hitler começou seus assassinatos em massa brindando os ‘doentes incuráveis’ com ‘morte misericordiosa’” (Arendt, 1999, p. 312). As ordens eram dadas por meio de códigos de linguagem, as pessoas pareciam entrar em uma realidade alternativa/paralela, na qual algumas coisas significavam outras, a moralidade (noções de certo e errado) foram pervertidas. Certo era ajudar o partido a cumprir seus objetivos, logo, errado era tudo que ia contra as ideias e ações do partido. “O exemplo claro disso pode ser percebido na inversão, ocorrida durante o totalitarismo nazista, no mandamento ‘Não Matarás’ para ‘Matarás’” (Müller, 2020, p. 36). Neste momento, apenas as respostas apresentadas pelo movimento eram consideradas verdadeiras, os argumentos apresentados pelo partido e por autoridades internas eram as fontes de informação, as verdades e tudo que ia em direção contrária era identificado como errado, uma ameaça, uma forma de manipulação externa ou mesmo uma conspiração contra o movimento.

Os exemplos apresentados pelas duas autoras permitem perceber a importância que as adjetivações possuem para provocar a adesão ou não das pessoas a discursos de tipo totalitário. É necessário qualificar e

classificar o grupo considerado “o outro” dando nomenclaturas que incitem a aversão desse outro, desse diferente e estabeleçam no nós a autopercepção estética de um belo universal que existe em contrário a uma aversão universal. E, neste discurso, o direito de existência do feio (aquilo que é considerado ruim) é simplesmente absurdo. Trata-se de uma construção estética em que o significante não possui sentido, mas forma o fundamento da dicotomia entre bem e mal traduzida em adjetivos de uso corrente (cf. *Figura 3 - Cartaz em manifestação que faz comparação entre os membros do Superior Tribunal Federal e a personagem Miranda Priestly do filme O Diabo Veste Prada*).

A foto acima ilustra como essa imagética é constituída pelos grupos de interesse. Ao associar um ministro de uma corte que tem como dever zelar pelo cumprimento da constituição à figura cristã do diabo, constrói-se o sentido de sanções realizadas contra o movimento e seu candidato são fruto de pura maldade. O mal total perpetrado unicamente para perseguir as ideias e opiniões do grupo em contraposição ao candidato que era normalmente associado à figura de Cristo ou de heróis nacionais, como está disposto mais à frente no texto.

## **A força dos fatos e a palavra do Líder**

Cesarino (2019), alerta para a criação de uma linha de comunicação direta entre líder e povo com o objetivo de deslegitimar outras formas de comunicação. Assim, ao receber informações “privilegiadas” de “autoridades”, cria-se a sensação de pertencimento a um grupo que está descobrindo verdades antes escondidas pelas linhas oficiais de comunicação. Essa desconfiança, alimentada pelo partido, faz com que as linhas oficiais percam sua validade se comparadas a linha direta entre liderança e povo. Cesarino (2019) trabalha questões muito próximas de Arendt (2012) no que diz respeito à propaganda totalitária, pois lideranças totalitárias usam o cientificismo até certo ponto, mas após a tomada de poder renunciam o conhecimento científico por meio da dúvida aos ca-

nais oficiais de informação, a cultura e a tradição oficiais, descartando até mesmo os intelectuais que procuraram servir ao partido.

Segundo Arendt (2012), não são os fatos ou as mentiras inventadas que convencem a população, mas a coerência das narrativas apresentadas, a lógica por trás de todas as informações apresentadas e a forma como as informações se encaixam na ficção totalitária em que tudo parece fazer sentido. Deste modo, mesmo que lideranças partidárias propaguem mentiras, estas mentiras ganham o status de verdade pelo modo como são transmitidas, essa validade é confirmada por meio do apoio das massas.

No atual cenário político é possível encontrar exemplos que ilustram tanto o esvaziamento semântico quanto a adesão de grupos de apoiadores à mentiras e inconsistências propagadas por líderes políticos (*cf. figura 4 - Faixa em manifestação pedindo intervenção militar em prol da liberdade de expressão*).

Na imagem acima a faixa sustentada por duas mulheres pede que haja uma intervenção federal, junto com resistência civil e o apoio à liberdade de expressão. A manifestação em questão era um protesto contra a derrota do então presidente Jair Bolsonaro no pleito eleitoral de 2022. Questionavam a validade das urnas eletrônicas, apesar de não questionarem a vitória de apoiadores do presidente derrotado para as outras esferas de poder. Ao mesmo tempo entendiam que não estavam tendo seu direito de liberdade de expressão respeitado, o que seria outro motivo para uma intervenção das forças militares. Na prática, paradoxalmente pediam a instauração de uma ditadura para garantir o direito de liberdade e manifestação. Essas afirmações foram proferidas em transmissões ao vivo pela internet durante todo o seu mandato, apesar de ele mesmo ter sido eleito por mais de três décadas utilizando os mesmos mecanismos que passou a contestar.

Arendt (2012) afirmou que os fatos são interpretados de acordo com a ficção do partido. Assim, as massas se negam a acreditar nas coincidências e fortuidade dos fatos, pois preferem a coerência e a ficção apresentada por estes governos. Os movimentos totalitários reuniram todos

os documentos “subterrâneos” da história de uma forma específica que parecia ter um sentido, assim, cometiam fraudes intelectuais e denunciavam as linhas de informação oficiais, construindo uma nova forma de compreender a história pela narrativa.

O que inspirava os manejadores da história não era o materialismo dialético de Marx, mas a conspiração das trezentas famílias; não o pomposo cientificismo de Gobineau e de Chamberlain, mas os ‘Protocolos dos Sábios de Sião’; não a demonstrável influência da Igreja Católica e o papel do anticlericalismo nos países latinos, mas a literatura clandestina sobre jesuítas e maçons. A finalidade das mais variadas e variáveis interpretações era sempre denunciar a história oficial como uma fraude, expor uma esfera de influências secretas das quais a realidade histórica visível, demonstrável e conhecida era apenas uma fachada externa construída com o fim expresso de enganar o povo (Arendt, 2012, p. 466).

As massas não confiavam mais nos canais de informação oficiais e as palavras do Líder nos discursos totalitários não eram vistos como mentira, fraude ou enganação, mas eram legitimados pela resposta favorável das massas, como uma verdade que estava escondida. Na Alemanha Nazista o discurso de Hitler possuía “força de lei” (Arendt, 1999; 2012). Neste cenário havia a possibilidade de mudar a história por meio da falsidade e da mentira que pretendia alterar a compreensão dos fatos e conseqüentemente alterar a lembrança dos eventos até que mentiras fossem tidas como verdades e faziam isso com a desculpa de denunciar a verdadeira fraude das fontes oficiais.

A principal característica do homem da massa é a falta de relações sociais normais, o isolamento. O isolamento da massa, que não se ligava por interesses sociais, políticos ou econômicos, apontava para o “enfraquecimento do instinto de autoconservação” (Arendt, 2012, p. 445). As conseqüências imediatas de seus atos não estavam em questão, pois não eram os problemas cotidianos, mas o futuro da nação que estava em jogo.

Para um domínio totalitário, é de suma importância o apoio das massas. Há dois objetivos principais para a centralidade deste apoio. Primeiro é necessário ganhar de maneira legítima uma eleição dentro do sistema legal. De acordo com Arendt (2012, p. 440), “tem sido frequentemente apontado que os movimentos totalitários usam e abusam das liberdades democráticas com o objetivo de suprimi-las”. Segundo, para conseguir permanecer mesmo com todas as crises internas e externas geradas pelo governo. Como posto anteriormente, os governos de tipo fascista estão em constante movimento e por este motivo possuem certas dificuldades quanto a manutenção de sua equipe ou entourage.

O círculo interno mais próximo de um líder totalitário muda com frequência, do mesmo modo como a estrutura possui novas camadas para suprimir as antigas que não estão mais respondendo às exigências do partido. Em terceiro lugar, pode-se apontar que uma das dificuldades dos governos totalitários é a de que necessitam de material humano em quantidade massiva para colocar em prática sua nova forma de governo.

As massas estão presentes em praticamente todos os países, para Arendt esse conceito se aplica a quantidade de pessoas que não estão organizadas política ou socialmente, que não integram um *corpus politico*. As massas vivem isoladas em suas vidas privadas pois não podem ser comportadas por uma organização. O domínio total visa mobilizar esta massa de pessoas, que os governos anteriores (ao totalitário) acreditavam se tratar de pessoas indiferentes e politicamente neutras. O domínio total organizou esta massa com a propaganda e mobilizou com a ideologia.

O termo massas só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada em interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato dos trabalhadores (Arendt, 2012, p. 439).

Essa quantidade de pessoas pode ser utilizada de duas maneiras, como apoio ao movimento ou como alimento do movimento. Por um lado, países com grande massa populacional oferecem um solo favorável para

o governo totalitário, pois o despovoamento é um dos grandes problemas que governantes totalitários enfrentam ao tentar colocar em prática um domínio total. “Somente onde há grandes massas supérfluas que podem ser sacrificadas sem resultados desastrosos de despovoamento é que se torna viável o governo totalitário, diferente do movimento totalitário” (Arendt, 2012, p. 438).

Assim, o domínio total se alimenta de todos os inimigos que entram em seu caminho, mantendo-se em movimento pela renovação de tais inimigos. Por outro lado, ao criar uma barreira de apoiadores que concordam e aprovam certas atitudes do governo que poderiam ser vistas até mesmo como criminosas, mas que possuem o aval da maioria para serem praticadas, os simpatizantes formam uma barreira de intermédio entre o mundo totalitário e o mundo real não totalitário, visando amortecer esse choque. Essa quantidade massiva de apoiadores não é em sua maioria formada por membros fanáticos, mas sim por pessoas comuns, trabalhadores que prezam pela família e pela segurança, que estão aterrorizados pelas notícias, com medo desse inimigo e temendo por sua pátria. Foi neste sentido que Himmler organizou as massas, ele possuía a crença de que a maioria das pessoas em um país era, na verdade, formada por “empregados eficazes e bons chefes de família” (Arendt, 2012, p. 472).

A noção de movimento deve ser percebida de duas maneiras neste ponto: o movimento que diz respeito à estrutura mesma do sistema totalitário e o movimento que diz respeito à chegada ao poder. Ou seja, o movimento está na essência destes governos ao mesmo tempo que é uma preparação para se chegar ao poder. Um movimento totalitário visa se tornar um governo totalitário. Isso nem sempre se faz possível em todos os locais onde a lógica totalitária infectou o modo de se fazer política, por este motivo muitos movimentos acabam se tornando ditaduras.

Movimentos totalitários precederam ditaduras não totalitárias, como se o totalitarismo fosse um objetivo demasiadamente ambicioso, e como se o tamanho do país forçasse os candidatos a governantes totalitários a

enveredar pelo caminho mais familiar da ditadura de classe ou de partido (Arendt, 2012, p. 437).

O movimento totalitário é a preparação para o governo totalitário. Na fase inicial do movimento um domínio total prepara a população para receber a ideologia com a ajuda da propaganda. A propaganda visa disseminar, convencer e conseguir aderência massiva para as ideias do partido. Como as massas normalmente não possuem familiaridade com assuntos políticos, os movimentos totalitários conseguiram mobilizar um grupo antes ignorado por outros partidos, introduzindo na política ferramentas inteiramente novas que não se assemelhavam com a política tradicional em seus métodos e ferramentas. Incapazes de debater com as ideias da oposição de maneira honesta levando em consideração as complexidades do mundo real, preferiam a morte ao invés de se deixar persuadir por um argumento contrário, não possuíam convicção (em sua maioria), mas estavam aterrorizados e se protegiam com a lógica simples que entregava soluções objetivas e tornava o mundo previsível, lógico e ordenado.

Os movimentos totalitários gozavam da pretensão de desfazer “a diferença entre a verdade e a mentira [como se essa diferença] pudesse deixar de ser objetiva e passasse a ser apenas uma questão de poder e de esperteza, de pressão e de repetição infinita” (Arendt, 2012, p. 466). Nesse sentido, bastava contar a mesma mentira várias vezes até que as pessoas só soubessem a versão inventada da história. Algo que é dito tantas vezes se torna uma espécie de verdade. Isso só pôde acontecer porque as antigas verdades haviam se tornado trivialidades e a hipocrisia da burguesia, considerada guardiã dos padrões morais, era escorraçada pela massa. Não havia problema em aceitar os absurdos narrativos apresentados por governos totalitários, porque a princípio não se esperava que os absurdos narrativos fossem levados a sério.

A verdade factual é naturalmente mais frágil do que a mentira, visto que a mentira pode ser articulada, planejada e preparada para parecer verdadeira, fazendo sentido e sendo coerente, enquanto a verdade pode lidar com coincidências, eventos sem sentido e brechas imprecisas. Enquanto a verdade factual é o que é, parecendo ou não verdadeira, a

mentira não é o que parece, pois parece verdadeira sem sê-lo. A verdade factual é marcada por um acontecimento preso no tempo e no espaço, que poderia ter ocorrido de outra forma, e por esse motivo necessita de testemunhas para sua permanência no mundo. A verdade factual, por si mesma, possui difícil relação com a política, por se tratar de fatos que não podem ser alterados e por isso podem coincidir com certos interesses específicos; sendo conhecida por seu conflito direto com relação a interesses pessoais.

De acordo com Arendt (2016), Hobbes “sustentava que ‘a verdade que não se opõe nem ao lucro nem ao prazer humano é a todos os homens bem-vinda’ (uma afirmação óbvia, que, contudo, Hobbes considerou suficientemente importante para servir de fecho ao seu *Leviatã*)” (Arendt, 2016, p. 286). Arendt ressalta que a verdade pode ser enterrada junto com um número suficiente de pessoas. Para Arendt (2016, p. 285), a permanência do mundo depende do testemunho, de pessoas determinadas a falar a verdade, testemunhar “aquilo que é e lhes parece porque é”. Sem este testemunho a verdade factual poderia desaparecer do mundo para nunca mais ser redescoberta, pois é mais fácil redescobrir as formas geométricas do que um evento que ocorreram no tempo e espaço sem testemunhas.

Arendt (2016), se refere a verdade de fato como uma verdade modesta, um exemplo de verdade modesta seria “o papel, durante a Revolução Russa, de um homem chamado Trotsky, que não aparece em nenhum dos livros de história russa soviéticos -, [Para Arendt isso é o suficiente para que] imediatamente [tomemos] consciência do quanto são mais vulneráveis do que todas as espécies de verdade juntas.” (Arendt, 2016, p. 287). Para a autora, pela fragilidade das verdades factuais e o poder de eliminá-las do mundo permanentemente, em um cenário político a verdade factual pode ser transformada em mera opinião, como se “o fato do apoio da Alemanha a Hitler, ou o colapso da França ante as forças alemãs em 1940, ou a política do Vaticano durante a Segunda Guerra Mundial não fossem questão de registro histórico e sim uma questão de opinião” (Arendt, 2016, pp. 293-294).

Arendt (2016, p. 295), afirma que a verdade factual é “política por natureza”. A relação entre fato e opinião não é forjada apenas para atacar a verdade de fato, transformando-a em opinião e diminuindo sua força em relação ao mundo, mas têm o mesmo domínio. “Fatos informam opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e paixões, podem diferir amplamente e ainda serem legítimas no que respeita à sua verdade factual.

“A liberdade de opinião é uma farsa, a não ser que a informação factual seja garantida” (Arendt, 2016, p. 295). Não se pode construir uma opinião sem acesso aos fatos, pois a opinião seria forjada a priori pelo mentiroso, que guiaria a crença popular e construiria um entendimento da realidade que não possui conexão com os eventos que acontecem no mundo. A longo prazo, o constante ataque contra a verdade criaria um cinismo, ou seja, uma recusa absoluta a acreditar na verdade de qualquer coisa, mesmo aquelas verdades que pareciam muito bem estabelecidas. Isso porque tudo o que foi de um modo, poderia ter ocorrido de outro modo, e por este motivo, nada garante a necessidade de um acontecimento para a continuidade do mundo.

A tirania da verdade força a testemunha a contar o evento, mesmo que possua coincidências, falta de organização e sistematização, incoerência e mesmo que seja caótico, lutando contra as diversas possibilidades que o mundo apresenta, se encontra a mentira, forjada com o intuito de convencer, arquitetada para se encaixar na ficção e fazer sentido. Com isso pode-se perceber que se tratando de um domínio totalitário, que ataca as verdades políticas de modo incisivo, a verdade factual seria mais frágil do que a palavra do Líder, os discursos e informações trazidas pelo partido. A verdade não pode ser modificada, a verdade é o que é, ela é “o solo sobre o qual nos colocamos de pé e o céu que se estende acima de nós” (Arendt, 2016, p. 325), de modo que a mentira pode ser muitas coisas, se encaixando onde se faz necessária e constituindo uma ficção.

Além das notícias e imagens já citadas neste artigo, acontecimentos durante a pandemia da *Covid-19* utilizou o mesmo tipo de retórica para garantir a dicotomia entre os grupos. As afirmações e questionamentos

relacionados à efetividade das vacinas ou mesmo da existência da própria enfermidade foram constantes neste período. O presidente elegeu um medicamento como o salvador da população, o que levaria à economia a não parar, em detrimento das medidas protetivas não medicamentosas que incluíam uso de máscaras, higiene pessoal e isolamento social. No entanto, ao saber da necessidade política e baixa popularidade o governo mudou de posição<sup>III</sup>.

Enquanto técnicos de ministérios e de fundações como Fiocruz e Butantã se esforçavam em implementar as medidas sanitárias e na criação de uma vacina para o vírus, o então presidente mantinha a opinião de que a vacina não era segura de que uma medicação sem eficácia deveria ser tomada. Ou ainda, de que não seria necessário mais que a contaminação em massa das pessoas. Com a queda de popularidade, o presidente mudou o discurso, mas ainda manteve um discurso negacionista. Afirmou inclusive que não havia tomado vacina, porém após sair do poder, uma investigação da polícia federal demonstrou que ele havia se vacinado.

A forma de comunicação com o público para perpetrar os mecanismos de desinformação engendrado eram as transmissões ao vivo (*lives*) em redes sociais. Estratégia utilizada desde antes das eleições que o levaram a chefe do poder executivo. Em linguagem direta e alternando entre truculência e piadas, o então candidato, depois presidente e agora ex-presidente possui por hábito questionar a legitimidade da ciência, dos outros poderes da república, de políticos de viés ideológico diferente do dele. É possível estabelecer aqui certa similaridade com a forma de comunicação e símbolos utilizados por ideologias totalitárias. Como demonstra a foto anexa (*cf. Figura 5 - Os então presidente do Brasil e presidente da Caixa Econômica Federal bebem um copo de leite durante uma transmissão ao vivo - Escallón, 2020*).

---

III [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/11/interna\\_politica,1245676/mudou-o-discurso-confira-10-momentos-em-que-bolsonaro-foi-contra-a-vacina.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/11/interna_politica,1245676/mudou-o-discurso-confira-10-momentos-em-que-bolsonaro-foi-contra-a-vacina.shtml); <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>; <https://www.nexojornal.com.br/expreso/2021/03/21/Como-Bolsonaro-atacou-e-atrasou-a-vacina%C3%A7%C3%A3o-na-pandemia>

## Mobilização permanente através de conteúdos alarmistas e conspiratórios

Para Arendt (2012), uma das maiores e mais eficazes ficções da propaganda totalitária foi construída na ideia de uma “conspiração mundial judaica” (p. 489). O antissemitismo já estava sendo disseminado na Europa no período anterior as guerras, historicamente havia relatos de perseguição contra o povo judeu desde a Idade Média, mas como as figuras de opinião pública não discutiam a questão judaica, ela era tomada como uma realidade encoberta pelas autoridades. A questão judaica se converteu em símbolo de hipocrisia e desonestidade que estava impregnado pelo sistema. O antissemitismo passou de preconceito para ideologia política.

O conteúdo utilizado pelos nazistas não era novo, poderia ser encontrado na história nas mais diversas épocas, os governos totalitários não precisaram se preocupar em inventar uma ideologia inteiramente nova, desde que pudessem reciclar as antigas lutas e conflitos internos dentro de uma sociedade. “Os movimentos totalitários têm sido chamados de ‘sociedades secretas montadas à luz do dia’ (Arendt, 2012, p. 512). A mudança estrutural do governo totalitário, se comparado com outros partidos, ou mesmo seitas, possuem em seu corpo várias semelhanças com sociedades secretas.

As sociedades secretas formam também hierarquias de acordo com o grau de ‘iniciação’, regulam a vida de seus membros segundo um pressuposto secreto e fictício que faz com que cada coisa pareça ser outra coisa diferente; adotam uma estratégia de mentiras coerentes para iludir as massas de fora, não iniciadas; exigem obediência irrestrita dos seus membros, que são mantidos coesos pela fidelidade a um líder frequentemente desconhecido e sempre misterioso, rodeado, ou supostamente rodeado de iniciados; e estes, por sua vez, são rodeados por semi-iniciados que constituem uma espécie de ‘amortecedor’ contra o mundo profano e hostil. Os movimentos totalitários têm ainda em comum com

as sociedades secretas a divisão dicotômica do mundo entre 'irmãos jurados de sangue' e uma massa indistinta e inarticulada de inimigos jurados (Arendt, 2012, p. 512-513).

Um governo totalitário surge com uma estrutura muito próxima de uma sociedade secreta, retirando desta estrutura a necessidade de manter segredo de suas intenções. Fazem isso exatamente com a desculpa de combater as sociedades secretas que estão espalhadas na sociedade. Deste modo, o medo que o movimento totalitário urge em seus simpatizantes tem o objetivo de incentivar um ataque preventivo, assim os simpatizantes de um governo totalitário estão lutando contra uma sociedade secreta que visa destruir a nação. Esse é o “resultado natural da ficção conspiratória do totalitarismo, cujas organizações são supostamente criadas para combater sociedades secretas - a sociedade secreta dos judeus ou a sociedade dos conspiradores trotskistas” (Arendt, 2012, p. 514).

A força do medo de uma conspiração mundial que visa atacar começa a ser disseminado já na propaganda totalitária, que fazia questão de utilizar o medo de um ataque, construindo sua propaganda em cima de conteúdos conspiratórios, sociedades secretas, inimigos da nação, lendas e superstições. As massas não acreditam na realidade factual, nem na experiência visível, nem em provas, mas apenas em sua imaginação que pode ser facilmente “seduzida por qualquer coisa universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte” (Arendt, 2012, p. 485). Essa coerência que a massa deseja não existe no mundo real, e por este motivo entra em conflito com o bom senso, contudo, o desejo de fuga da realidade, fuga de um mundo de coincidências, caótico e desorganizado leva a aceitação da coerência dos fatos, organizados sistematicamente como prova da veracidade. O bom senso perde sua validade pois a realidade é insuportável.

Algo semelhante foi notado no Brasil, como podemos ver nas imagens abaixo, onde centenas, senão milhares de pessoas passaram a se mobi-

lizar contra uma suposta ideologia de gênero criada pela esquerda para transformar crianças e adolescentes em homossexuais ou pessoas transgênero. O medo se tornou generalizado e as manifestações que anteriormente eram motivo de piada tornaram-se tema de debates em que o preconceito contra esse grupo adquiriu uma fachada de preocupação com a família, engajando políticos que se mostravam contrários à ideologia de gênero - conceito criado e mobilizado pelos manifestantes (cf. *Figura 6 - Manifestação contra a ideologia de gênero e Figura 7 - Manifestação contra a ideologia de gênero*).

Com a propaganda, os movimentos totalitários conseguiam fazer com que as massas se organizassem de acordo com a ideologia disseminada, passando a agir *como se* estivessem em ataque, em perigo, pois havia uma conspiração mundial judaica que visava o domínio mundial, obrigando-os a se proteger. “Os nazistas agiam como se o mundo fosse dominado pelos judeus e precisasse de uma contra-conspiração para se defender” (Arendt, 2012, p. 497). Um paralelo possível são as abstrações como a do exemplo na foto acima. A chamada “ideologia de gênero” colocaria em perigo as crianças ao “doutriná-las” a serem ou se tornarem algo que não nasceram para ser, logo um perigo para ordem “natural” da sociedade. Esse processo seria um braço da conspiração secreta da conspiração globalista ou da “Nova Ordem Mundial” (Loureiro, 2021).

Os movimentos totalitários seguem o lema das sociedades secretas que dita que aquele que não está incluído está automaticamente excluído. O racismo havia se tornado realidade prática da vida de todos os adeptos do movimento, quando a origem racial ditava qual seria a posição na sociedade ou até mesmo a quantidade de comida dos prisioneiros (que dependia da quantidade de avós judeus presentes na árvore genealógica), tornava-se irreal colocar em dúvida a validade do racismo em uma sociedade totalitária. Todos agiam de acordo com a ideologia dominante, se a ideologia dizia serem os judeus inferiores aos alemães, a sociedade alemã tratava-os como inferiores, inserindo na realidade as afirmações. “A propaganda totalitária prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção, da coincidência para a coerência” (Arendt, 2012, p. 486).

Os paralelos com o fenômeno da extrema direita no mundo e no Brasil reverberaram inclusive nas repartições públicas mais tradicionais no país. Em 10 de junho de 2019, o Ministério das Relações Exteriores iniciou um ciclo completo de seminário intitulado “Globalismo” em que convidados alinhados às ideologias de extrema direita compartilharam suas ideias a respeito do possível grupo que pretende por meio da “revolução cultural” acabar com a cultura e o estilo de vida ocidental, incluindo o cristianismo (cf. *Figura 8 - Seminário sobre globalismo*).

O então ministro Ernesto Araújo começa sua fala citando a “Vontade de Poder” de Nietzsche e nega a possibilidade de que o texto teria sido uma seleção de fragmentos realizados pela irmã do filósofo. Sem citar diretamente o nazismo, o ministro fala que o livro inspirou alguns “movimentos políticos”. Em seguida, atribui o niilismo citado pelo filósofo alemão como as bases para o marxismo-leninismo. Uma associação escamoteada de duas escolas de pensamento e, ainda, a negação da participação da irmã de Nietzsche no fascismo. Assim como coloca a posição de que a filosofia nietzschiana é a principal inspiração para a construção do fim do cristianismo e a instauração do que no evento foi chamado de “Nova Ordem Mundial” ou “Globalismo”. Aqueles que estudam Nietzsche realizam um trabalho que leva em consideração toda a história, contexto histórico e pessoal do filósofo citado por Arendt. Nietzsche pode ser utilizado tanto para refletir sobre diversas questões morais quanto para provocar uma interpretação enviesada por falta de um conhecimento mais aprofundado do autor. Isso torna o debate complexo por um lado, mas superficial por outro. Complexo, pois a defesa de uma “Nova Ordem Mundial” da qual temos que nos proteger é pregada com convicção, as pessoas apenas sabem sobre essa forma de dominação a qual deve-se lutar contra. Rasa, pois alguns assuntos são utilizados sem o menor embasamento, de maneira equivocada, o que impede a conversa sobre alguns assuntos de maneira profunda.

O protocolo dos Sábios de Sião foi utilizado como “livro-texto”, pelo movimento totalitário que dizia estar combatendo uma sociedade secreta de judeus que buscava pelo domínio mundial. O uso deste texto como guia para a definição de um inimigo objetivo não pertence a his-

tória do antissemitismo, contudo apenas a “história do antissemitismo pode explicar porque era viável o uso da mentira para os fins de propaganda” (Arendt, 2012, p. 23). A partir do momento em que as mentiras totalitárias ganham adesão massiva, se torna secundário descobrir a mentira em si, pois o mais importante é compreender quais os aspectos que permitiram a crença irrestrita nessas mentiras e fraudes (Arendt, 2012, p. 30). Mais importante do que saber qual é a mentira é compreender porque todos acreditaram tão facilmente nela. Desse modo, não adiantava desmentir a crença de que os judeus eram inimigos se a sociedade os tratava desta maneira, quando eram expulsos de determinados lugares, perdiam o emprego por serem judeus independente do desempenho, perdiam seus bens, sua casa, eram escravizados e posteriormente mortos, neste sentido, eram inferiorizados pela crença de que eram inferiores. Um caso exemplar para compreender que a crença em uma mentira pode ter efeitos catastróficos, se não irreversíveis, é o evento conhecido como A Noite dos Cristais.<sup>IV</sup>

A história do antissemitismo já havia pronunciado ‘morte aos judeus!’ no Estado moderno, além de que, ainda antes do Protocolo ser conhecido, era de interesse público a literatura secundária e os pasquins que buscavam pela resposta ao mistério do controle político mundial. (Arendt, 2012, p. 145). Neste sentido, a translação do discurso do século XX para o século XXI pode ser exemplificada na apropriação de conceitos como o globalismo, que na retórica do populismo de extrema direita é uma espécie de conspiração internacional para destruir a família, a pátria e o capitalismo (Pena, 2019).

---

IV A Noite dos Cristais foi um violento *pogrom* antissemita ocorrido na Alemanha nazista em 9 e 10 de novembro de 1938. A razão pela qual ficou conhecida como “Noite dos Cristais” foi assim denominada por causa dos inúmeros vidros de janelas e portas que foram quebrados durante os ataques a sinagogas, lojas e residências judias. Esse ataque foi organizado pelo governo nazista e executado por suas tropas de assalto, a SA, que agiram com violência extrema, espancando, prendendo, matando e destruindo propriedades de judeus. Esse evento marcou o início de uma série de perseguições e genocídio contra o povo judeu e outras minorias étnicas na Alemanha e em toda a Europa.

A partir da primeira abstração surgem outras teorias como a teoria d'A Conspiração Contra a Vida Humana<sup>V</sup>, a Conspiração contra a América<sup>VI</sup> ou a Conspiração contra a Natureza, dentre várias outras. No século XXI, normalmente propagadas em redes sociais e mensageiros instantâneos, assim como balizadas em livros autopublicados em plataformas como a Amazon, equivalente a um suposto discurso acadêmico-intelectual com a ideologia propagandeada pelo líder carismático. O discurso do líder estaria ao mesmo tempo bem fundamentado e equivalente ao que o povo necessitaria.

## Eixo da equivalência e a estrutura de cebola

O eixo da equivalência de Laclau, segundo Cesarino (2019), constrói uma ponte de equivalência entre líder e povo. Essa ponte garante um cuidado interno entre os membros, que se auxiliam enquanto alocados na categoria de amigos. Pode-se notar uma aproximação entre as discussões de Arendt e Cesarino e por consequência Ernesto Laclau, ao trabalhar as relações entre líder e povo.

Para Arendt (2012), a relação entre líder e povo é mediada por camadas dentro do sistema totalitário, por conseguinte existe uma ponte que equivale líder e povo no sentido de que todos pertencem ao movimento e os funcionários do movimento sentem-se a própria encarnação do líder totalitário. As pessoas passam a enxergar ele a proximidade que possui um cidadão comum, parte importante do movimento é semelhante ao povo.

A estrutura totalitária pode ser pensada em formato de cebola pois em um núcleo interno se encontra o Líder que comanda seus apoiadores de dentro do movimento, construindo proximidade com as demais camadas. O Líder representa em si mesmo as camadas do partido, pois

---

V <https://www.amazon.com.br/Conspira%C3%A7%C3%A3o-Contra-Vida-Humana-Antinatalista/dp/6599030238>

VI <https://www.fnac.pt/A-Conspiracao-Contra-a-America-Philip-Roth/a129651>

como elas, também possui a “dupla função que caracteriza cada camada do movimento – agir como a defesa mágica do movimento contra o mundo exterior e, ao mesmo tempo ser a ponte direta através da qual o movimento se liga a esse mundo” (Arendt, 2012, p. 511).

A responsabilidade de todos os atos cometidos por funcionários do partido em nome do movimento recai sobre o Líder, essa responsabilidade tem íntima relação com o princípio da liderança, “segundo o qual cada funcionário não é apenas designado pelo Líder, mas é a sua própria encarnação viva” (Arendt, 2012, p. 511). O líder sabe o que é melhor e entende todas as reais necessidades do povo, portanto sua própria vontade passa a ser a lei.

Tudo emana desse motor que mantém o movimento funcionando, criando uma identificação entre líder e todas as autoridades nomeadas por ele, centralizando a responsabilidade e comandando uma nação. A total responsabilização do Líder em relação aos atos cometidos pelos funcionários do partido tem a consequência de retirar a responsabilidade pessoal destes funcionários, deste ponto de vista os funcionários estão apenas cumprindo a lei, ou seja, os desejos do Líder, de modo que apenas o líder realmente sabe o que está fazendo. Toda responsabilidade é transferida para o motor do movimento que mantém as engrenagens funcionando.

Todos os crimes cometidos por governos totalitários eram cometidos em nome da lei, ou seja, dos desejos do Líder. Toda a hierarquia partidária compartilharia estes desejos, repassando a nova “lei” a todos os escalões, disseminando os próximos passos. As leis de uma organização totalitária não poderiam ter caráter permanente, se assim o fossem, as leis entrariam em contradição com a própria natureza do governo totalitário, ser um movimento. O totalitarismo enquanto governo não poderia se estabilizar e se tornar previsível, mas se manter impermanente, fluído. Neste sentido os desejos do Líder seriam voláteis o suficiente e se alterariam com a frequência que o movimento imporia. Contudo, o grande mistério que gira em torno do Líder totalitário “reside na organização que lhe permite assumir a responsabilidade total por todos os crimes cometidos pelas formações de elite e, *ao mesmo tempo*, adotar

a honesta e inocente respeitabilidade do mais ingênuo simpatizante” (Arendt, 2012, p. 512).

Diferente dos regimes tirânicos ou autoritários, o sistema totalitário se assemelha a uma cebola, pois o Líder “integre ele o organismo político como em uma hierarquia autoritária, ou oprima seus súditos como um tirano -, ele o faz de dentro” (Arendt, 2016, p. 136). O líder faz parte do movimento, ele não comanda o movimento de cima ou de fora, ele é o próprio motor do movimento totalitário, se localiza no centro e é protegido por um círculo de pessoas iniciadas impenetrável, “sua posição dentro deste círculo íntimo depende da habilidade com que armam intrigas entre membros e efetua constantes mudanças de pessoal” (Arendt, 2012, p. 510).

Essa é a diferença entre tirano ou ditador e Líder totalitário, o tirano não se responsabiliza pelos seus súditos, podendo inclusive abandoná-los para restaurar sua imagem frente ao povo, mas o Líder totalitário não admite crítica aos seus subordinados, pois são sua própria encarnação, ao agirem em seu nome. Diferente do ditador comum, um líder totalitário “não precisa vencer por meio da simples violência” (Arendt, 2012, p. 510), mas por meio dos detalhes, o pessoal escolhido dentro do partido deve ao Líder sua posição. Contudo, mais importante do que possuir aliados em cargos do grande escalão, o objetivo do Líder é que o seu *desejo* se converta em Lei do Movimento. Se o Líder, com sua aparente infalibilidade precisa corrigir algum erro, não pode admitir que errou, precisa eliminar aquele que agiu em seu nome, pois nestas circunstâncias “o erro só pode ser uma fraude: o Líder estava sendo representado por um impostor” (Arendt, 2012, p. 511).

Em 2020 e 2021 dois episódios chamaram a atenção pela semelhança com atos nazistas ou neonazistas. No primeiro, o então secretário de cultura do governo apresentou vídeo sobre a arte brasileira em que parafraseou desde o cenário até o texto falado um discurso de mesma finalidade proferido por Goebbels, ministro da cultura de Hitler. No segundo, Fellipe Martins proferiu um assobio de cachorro utilizado por supremacistas brancos durante uma audiência dentro do Senado Federal.

Nas duas ocasiões o presidente da república afastou os dois colaboradores e disse que não tinha conhecimento sobre nenhuma das duas ações. Após as demissões, Bolsonaro voltou a defender os dois colaboradores e ainda os realocou junto a aliados em cargos fora do executivo federal. Utilizando o mesmo discurso de que havia sido uma perseguição política e que as demissões teriam sido apenas para proteger a governabilidade (cf. *Figura 9 - Semiótica nacional socialista* e *Figura 10 - Gesto supremacista em rede nacional*).

O movimento totalitário é protegido pelos próprios apoiadores, as camadas não totalitárias entram em contato com meros simpatizantes que suavizam as ideias enquanto as camadas internas entram em contato com membros mais extremos que radicalizam as ideias do governo. O objetivo da separação em camadas é construir uma barreira que visa diminuir o impacto de um apoiador que se encontra dentro da ficção totalitária e o mundo real não totalitário. Assim, aqueles que acreditam e estão aterrorizados pela suposta organização secreta de um inimigo abstrato que visava dominar o mundo e destruir o povo, estão submersos pela ficção totalitária, essa imersão possui vários níveis possíveis que se inicia no núcleo totalitário mais radical e permanece até a camada de simpatizantes externa que tem contato direto com o mundo não totalitário.

Um movimento totalitário afirma a dicotomia do mundo entre dois gigantes campos de batalha, amigos e inimigos, aqueles que estão dentro do movimento e o mundo externo que será atacado. Um governo totalitário visa um domínio mundial porque tudo o que não está dentro do movimento está contrário a ele, e, portanto, perecendo.

O choque da terrível e monstruosa dicotomia totalitária é neutralizado, e nunca totalmente percebido, graças a uma cuidadosa graduação de militância, na qual cada escalão reflete para o escalão imediatamente superior a imagem do mundo não totalitário, porque é menos militante e os seus membros são menos organizados. Esse tipo de organização evita que os seus membros jamais venham a encarar diretamente o mundo exterior,

cuja hostilidade permanece para eles um simples pressuposto ideológico. Permanecem tão bem protegidos da realidade do mundo não totalitário que subestimam constantemente os tremendos riscos da política totalitária (Arendt, 2012, pp. 503-504).

A organização totalitária tem como objetivo criar o maior afastamento possível do mundo real não totalitário. O mundo exterior entra em contato com a camada simpatizante, como esta camada não é fanática as ideias do partido chegam com aparência de “normalidade e respeitabilidade” (Arendt, 2012, p. 502) ao mundo exterior que não recebe as ideias com hostilidade.

Essa camada mais distante do núcleo divulga a propaganda totalitária de forma suave para o mundo externo ao movimento, “até que toda a atmosfera esteja impregnada de elementos totalitários disfarçados de opiniões e reações políticas normais” (Arendt, 2012, p. 502). Como o movimento totalitário é formado por camadas, cada camada possui dupla função, interna e externa, sendo uma camada mais e menos radical ao mesmo tempo, a estrutura totalitária se constitui pela duplicação de órgãos que representam a separação entre uma autoridade real e uma fachada de autoridade.

Na ocasião da demissão de Felipe Martins a alegação foi de que ele estaria apenas ajeitando a lapela do paletó, assim como Alvim chegou a alegar que o cenário e os textos teriam sido mera coincidência estética. Para quem não conhece os símbolos ou os episódios de referência nas duas ocasiões, pode ser difícil identificar as mensagens escondidas nos gestos e palavras ali presentes. Inclusive, o termo técnico “apito de cachorro” se refere a este tipo de ato em que apenas certo grupo entenderá o que está sendo “dito” com os símbolos utilizados. Um outro símbolo muito utilizado pelo próprio presidente foi o copo de leite já colocado na seção anterior deste mesmo texto.

Como Cesarino bem compara, trata-se de uma estrutura discursiva de cebola, algumas camadas de apoiadores receberão uma determinada figura do líder, outras mais aderidas e conhecedoras dos fundamentos

da ideologia que se quer propagar conhecerão outras. O importante é equivaler o discurso para que a força política venha das massas assustadas com as teorias de conspiração e que o círculo mais próximo ao líder mantenha para si as reais intenções do que se quer perpetrar.

## **Autoridade, poder e violência**

Não se deve confundir autoridade com poder ou violência, pois “a autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada a autoridade em si mesmo fracassou” (Arendt, 2016, p. 129). Em um governo totalitário há uma autoridade real e uma autoridade aparente, uma que comanda sem os holofotes e outra que aparece ao mundo. Todas as múltiplas camadas de um sistema totalitário formam uma barreira para o mundo real de um lado e, para o mundo totalitário de outro, encobrindo o núcleo radical e extremo do líder por camadas menos extremas.

As convicções dos simpatizantes diferem em intensidade e fanatismo dos membros do partido, criando uma fachada de normalidade que ameniza o choque com o mundo real. Uma camada do movimento tem contato, ao mesmo tempo, com camadas mais e menos fanáticas, localizando-as ao centro de um mundo mais e menos totalitário. Os membros fanáticos de um domínio total seguem sua convicção com muito mais afinco do que um idealista que luta por seu ideal, continua quando o movimento começa atacar aqueles que anteriormente eram membros, e permanece quando o movimento se volta contra ele próprio.

Esse fanatismo só pode ser freado quando, após a decadência do governo totalitário, ele desaparece e deixa seus membros fanáticos abandonados, matando neles qualquer convicção restante. Até atingir este ponto, os membros fanatizados não são atingidos por nenhum dado do mundo externo, nem pelos fatos nem pelo medo da morte, pois percebem o mundo de acordo com a ideologia, tudo já foi explicado por ela, o passado, o presente e o futuro, de modo que tudo que aconteceu

*tinha* que acontecer pela lógica totalitária. Enquanto o movimento está em pleno funcionamento estes membros poderiam até mesmo sacrificar sua vida em função da convicção totalitária, contudo, se o movimento perde força e se dissipa, estes mesmos membros apenas abandonam a ficção do movimento e partem em busca de outra ficção (Arendt, 2012, pp. 496-512).

Um exemplo possível de uso contemporâneo da ficção totalitária e seus desdobramentos no corpo político, foram os acontecimentos após as eleições brasileiras de 2022, em especial a atitude do presidente no poder e a depredação de prédios públicos em 8 de janeiro de 2023. O então presidente Jair Bolsonaro deixou o país antes da posse do novo presidente, sem realizar o rito da passagem de faixa. Ao se instalar em Miami nos Estados Unidos, iniciou um processo de aparições em vídeos e ao vivo em que não falava nada ou misteriosamente pegava alguma coisa em uma prateleira.

Não demorou muito para que tanto seguidores quanto opositores e a própria imprensa começassem a especular se havia ou não significado nessas atitudes. Até que em oito de janeiro de 2023, uma suposta manifestação pacífica se verteu na depredação de prédios públicos dos três poderes na capital do país. Até o momento que escrevemos, aqueles que agiram em prol de uma revogação do resultado das eleições destruindo a sede dos três poderes, bem como obras únicas que não podem ser substituídas e documentos de interesse público estão presos aguardando julgamento. Entre aqueles que já foram julgados existem muitos que não perceberam suas atitudes como criminosas, mas continuam acreditando na ideologia a que foi exposto. Convertendo a compreensão das prisões, por exemplo, como uma perseguição, já que em tese eles estão buscando salvar o país da ruína, mostrar a verdade e eleger o único que é honesto o suficiente para fazer diferente de todos os outros. Até este momento há uma comissão parlamentar de inquérito investigando, assim como investigações do judiciário sobre quem planejou os atos.

Como até a finalização deste artigo não haviam sido finalizados os julgamentos, optamos por não realizar elucubrações sobre culpa ou participação de quem quer que seja. A questão importante aqui é entender

que mesmo tendo evadido o país sem realizar suas obrigações, o uso de redes sociais e a construção, por anos, de um corpo digital deu à figura de ex-presidente a capacidade de mobilizar pessoas que acreditavam em uma certa intervenção e apoio do exército brasileiro em um golpe de estado que o recolocaria no poder. O curioso é que ele nem no país estava, apenas seu corpo digital permaneceu.

## Considerações finais

Arendt aponta para a crise de autoridade de nosso século. Essa crise é de natureza política e nasceu a partir da quebra de todas as autoridades tradicionais. Um regime totalitário estaria apto a se aproveitar deste cenário onde “o sistema partidário perdera seu prestígio e a autoridade do governo não era mais reconhecida” (Arendt, 2016, p. 128). Para Arendt, um dos sintomas dessa crise se encontra espalhado por toda a sociedade, de modo que a crise de autoridade afetou o âmbito familiar e também educacional. Em razão desta crise o conceito mesmo de autoridade se perdeu no mundo moderno, pois frequentemente se confunde autoridade com violência, com poder ou com persuasão (Arendt, 2016, p. 127).

A estrutura totalitária em formato de cebola em conjunto com a propaganda totalitária e a organização, a ideologia e o terror, tem a capacidade de construir o que Cesarino (2019), chama de corpo digital do rei. O líder é representado nas mais diversas camadas de maneira diferente, o que significa que a narrativa totalitária visa fabricar uma imagem que trabalhe por si mesma, ganhando aderência massiva pelo trabalho das massas, que defendem a imagem radical do Líder. Logo, suas ideias são disseminadas como um vírus que visa infectar todo o sistema, convertendo-o em movimento.

Buscamos demonstrar a íntima semelhança com discussões que estão sendo tratadas no campo político nacional com as ideias de Arendt ao tratar sobre os governos totalitários. Arendt alerta para a novidade to-

totalitária que ao mesmo tempo aponta para uma possível repetição, essa repetição pode se valer das soluções encontradas durante estes domínios para controlar as massas e guiá-las, impedindo a liberdade de agir espontaneamente no mundo e divulgar a novidade da vida e da ação.

O inimigo objetivo utilizado por governos totalitários visa dividir o mundo entre amigos e inimigos, aqueles que estão incluídos e aqueles que estão excluídos. Os fatos se tornam frágeis perto das mentiras calculadas que visam construir uma perspectiva totalitária, a palavra do líder torna-se lei, impregnando movimento pela volatilidade dos desejos e tornando a lei impermanente e instável.

Todas estas discussões levantadas por Arendt, bem como a constante mobilização das massas por meio da deslegitimação dos canais oficiais de comunicação e dos conteúdos conspiratórios que visam aterrorizar e guiar, bem como a própria estrutura totalitária constituída por camadas, estabelecem uma ponte discursiva entre Arendt e as teorias políticas da atualidade.

A pensadora analisa as ferramentas totalitárias utilizadas por governos que se pretendem totais, dominando o cidadão e forçando-o a lógica totalitária, estas soluções sobreviveram ao tempo e algumas se fazem presentes ainda hoje em semelhanças desconcertantes. A questão que ainda permanece nos tempos atuais é, contra quem estes instrumentos estão sendo utilizados? E qual é a ideologia que estamos seguindo?

Os paralelos estabelecidos pelos acontecimentos recentes na história política e social brasileira, ilustra o que Arendt defendeu em diversos dos seus textos, mas principalmente em *Origens do Totalitarismo* (2013), enquanto os mecanismos de propaganda estiverem vivos a democracia estará sempre em situação de fragilidade. As análises de Cesarino, por sua vez, demonstram que a presença da propaganda política foi adaptada para nossas tecnologias telemáticas e se traduziu na construção de corpos digitais que flutuam de acordo com a audiência, mas que se alimentam das mesmas dicotomias estabelecidas há séculos, as quais são fundamento para discursos e atos causadores da morte de milhões de pessoas.

Como ressaltado na introdução deste texto, não chegamos a uma conclusão finalística a respeito do tema, mas apresentamos o construto teórico de duas autoras frente à acontecimentos recentes da política brasileira, de forma a fomentar e subsidiar o debate sobre a permanência do discurso fascista e totalitário nas democracias constitucionais no século XXI.

## REFEERÊNCIAS

- ADVERSE, H. Solidão, Filosofia Política e Totalitarismo em Hannah Arendt. *Cadernos Arendt*, v. 1, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26694/ca.v1i2.2169>.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução, José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios, 1930-54)*. Tradução e notas, Jerome Kohn. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. 1. ed. Tradução, Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARENDT, Hannah. *Lá mentira em política. Crise de lá república*. Tradução: Guillermo Solana Alonso. Madri: Editora Trotta. 2015.
- ARENDT, Hannah. Tiro pela culatra. In: ARENDT, Hannah. Responsabilidade e Julgamento. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 327-344.
- ASSY, Bethânia. *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: Instituto Norberto Bobbio, 2015.
- BILO, Gabriela. *A verdade vos libertará (2013 a 2023)*. São Paulo: Fosforo Editora, 2023.
- CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Estudos Históricos*, v. 34, n. 72, p. 169-196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210109>.
- CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de antropologia*, v. 62 n. 3, p. 530-557, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.157036>.
- ESCALLÓN, Byron Vélez. Copo de leite ou farinata? O ódio à democracia, o campo literário brasileiro e o ensino virtual em tempos de pandemia. *Heterotopias*, v. 3, n. 6, p. 1-36, 2020. Disponível em <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/heterotopias/article/view/31804>. Acesso em: 15 dez. 2023.

- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonía y estrategia socialista*. Madrid, España, 1987.
- LACLAU, Ernesto. *La Razón Populista*. Tradução: Soledad Laclau. Fundo de cultura econômica, 2005.
- LOUREIRO, F. P. A teoria da conspiração e a política externa da Extrema Direita: o Caso do Brasil de Jair Bolsonaro (2019-2021). *Contexto Internacional*, v. 45, n. 02, maio-agosto, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-8529.20234502e20220034>.
- MAIA, Lídia Raquel Herculano et al. Populismo digital e autenticidade fabricada na campanha de Jair Bolsonaro no Instagram. *Liinc em Revista*, v. 18, n. 2, p. e6055-e6055, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i2.6055>.
- MÜLLER, Maria C. *A possibilidade de construção de uma moralidade política em Hannah Arendt*. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4775?show=full>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- MÜLLER, Maria Cristina. Espaço da aparência: a preservação do mundo comum. In: *Filosofia contemporânea*. Organizadores: Correia, A.; Nascimento, D.; Müller, M. C. São Paulo: ANPOF 2017, pp. 27-38.
- MÜLLER, Maria Cristina. Pluralidade. In: CORREIA, Adriano; ROCHA, Antônio; MÜLLER, Maria; AGUIAR, Odílio. *Dicionário Hannah Arendt*. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2022a, pp. 309-315.
- NORMANDO, Priscilla. Um breve estudo sobre o conceito de responsabilidade. *Intuitivo*, v. 5, n. 2, p. 249-265, 2012. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/intuitio/article/view/11495>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- PEREIRA, Geraldo. IDEOLOGIA E SOLIDÃO: Atualidade de hannah arendt. *Cadernos Arendt*, v. 2, n. 3, p. 59-69, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26694/ca.v2i3.2049>.
- PENA, Lara Pontes Juvencio. “Globalismo”: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. *Fronteira: revista de iniciação científica em Relações Internacionais*, v. 18, n. 36, p. 371-386, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/19677>. Acesso em: 15 dez. 2023.

PIRES, Arthur Freire Simões; CARVALHO, Cristiane Mafacioli. Análise do Discurso na nova Ecologia das Mídias: o caso da live stream de Jair Bolsonaro: The case of Jair Bolsonaro's live stream. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, v. 21, n. 46, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/2175497769622>.

Recebido em 19 de março de 2024

Aprovado em 02 de setembro de 2024

Publicado em 13 de dezembro de 2024

## ANEXOS

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Metáforas heróicas e salvadoras em memes de Internet



Fonte: coLAB/UFF

Fonte: Chagas, 2021, p. 191.

*Figura 2:* Manifestação contra a reeleição da então presidente do país Dilma Rousseff



Fonte: Aloiso Mauricio, Brazil photo press, Estadão Conteúdo.  
Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/cientista-politico-avalia-divisao-do-pais-entre-pt-e-psdb-apos-protestos-contra-reeleicao-de-dilma>

*Figura 3:* Cartaz em manifestação que faz comparação entre os membros do Superior Tribunal Federal e a personagem Miranda Priestly do filme O Diabo Veste Prada



Fonte: Folha Express.  
Disponível em: <https://folhapress.folha.com.br/foto/13733144>

*Figura 4:* Faixa em manifestação pedindo intervenção militar em prol da liberdade de expressão



Fonte: O Estado de Minas.  
Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/04/inter-na\\_politica,1417141/internet-elege-momentos-mais-vergonhosos-de-manifestacoes-bolsonaristas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/04/inter-na_politica,1417141/internet-elege-momentos-mais-vergonhosos-de-manifestacoes-bolsonaristas.shtml).

*Figura 5:* Os então presidente do Brasil e presidente da Caixa Econômica Federal bebem um copo de leite durante uma transmissão ao vivo



Fonte: Live presidencial, 2020.

Figura 6: Manifestação contra a ideologia de gênero



Fonte: Foto: José Cruz/Agência Brasil, Flávia Biroli, 2015.  
Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/06/26/a-ideologia-de-genero-e-as-ameacas-a-democracia/#prettyPhoto>

Figura 7: Manifestação contra a ideologia de gênero



Fonte: Fotografia André Bueno/CMSP, 2020.  
Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2020/05/06/ensino-ideologia-genero-nas-escolas-stf-grande-vitoria-pelo-direito-a-educar-mordaca/>

Aline Maria Ribeiro-Cantu  
Priscilla Normando

Figura 8: Seminário sobre globalismo



Fonte: Youtube - <https://www.youtube.com/watch?v=mWajQ0NBeio>, 2019. Brasília

Figura 9: Semiótica nacional socialista



Fonte: Agência de Notícias do Senado Federal, 2019, Brasília.  
Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/08/confundida-com-liberdade-de-expressao-apologia-ao-nazismo-cresce-no-brasil-a-partir-de-2019>

*Figura 10: Gesto supremacista em rede nacional*



Fonte: Jornal Correio Braziliense

Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/03/4914066-bolsonaro-diz-a-interlocutores-que-vai-demitir-assessor-apos-gesto-supremacista.html>